

A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO E DA IMAGEM DE SI NA CAPA DA REVISTA VEJA: "A FOLIA DOS RADICAIS"

THE CONSTITUTION OF THE SPEECH AND THE IMAGE OF YOU ON THE COVER OF VEJA MAGAZINE: "THE REVELRY OF THE RADICALS"

Josiane Boff¹
Ernani Cesar de Freitas²

Resumo

Este artigo compreende uma análise sob a perspectiva da teoria enunciativa discursiva com a finalidade de analisar o processo de construção do discurso e identificar o *ethos* discursivo da capa da revista Veja intitulada "A folia dos radicais". Este estudo se justifica na medida em que o *corpus* apresenta a união das linguagens verbais e não verbais que possibilitam ao leitor múltiplas leituras, sendo necessária uma leitura atenta aos detalhes para compreender os sentidos implícitos no discurso. Teoricamente este estudo concentra-se na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso de Dominique Maingueneau (2008a; 2008b). Os procedimentos metodológicos utilizados correspondem à identificação das marcas deixadas no discurso. A partir disso, analisamos os efeitos de sentido construídos pelo discurso e identificamos um *ethos* discursivo crítico.

Palavras-chave: Discurso. Semântica Global. Ethos Discursivo. Revista Veja.

Abstract

This paper consists an analysis from the perspective of discursive

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Passo Fundo (UPF); Mestre em Letras – Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso pela Universidade Passo Fundo (UPF); Graduada em Letras pela Universidade Passo Fundo (UPF); Bolsista Capes; e-mail: josianeboff@hotmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2699-7641>

² Doutor em Letras (PUCRS) com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (RS); membro da Association Analyse des Discours de l'Amérique Latine (ADAL/Paris); coordenador (2018-2020) e participante efetivo do GT ANPOLL- Discurso, Trabalho e Ética; e-mail: ecesar@upf.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8920-9446>.

enunciative theory in order to analyze the process of discourse construction and to identify the discursive ethos of the cover of *Veja* magazine entitled “A folia dos radicais”. This study is justified in that the corpus presents the union of verbal and nonverbal languages that allow the reader multiple readings, requiring a careful reading of the details to understand the meanings implicit in the discourse. Theoretically this study focuses on Dominique Maingueneau’s Semiolinguistic Discourse Analysis Theory (2008a; 2008b). The methodological procedures used correspond to the identification of the marks left in the discourse. From this we analyze the effects of meaning constructed by discourse and identify a critical discursive ethos.

Keywords: Discourse. Global semantics. Discursive Ethos. *Veja* Magazine.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é inata ao ser humano e, como bem sabemos, ela serve para viver e comunicar. Através dela, somos capazes de expressar nossas opiniões, formular ideias e manifestar diferentes significados na construção do discurso. O discurso, por sua vez, vai além de uma simples organização de palavras. Ele é contextualizado, interativo e constrói socialmente o sentido que traz consigo o contexto social e outros discursos.

Alguns discursos chamam mais a atenção do leitor e, muitas vezes isso se dá em decorrência da utilização de mais de um tipo de linguagem. As capas de revista frequentemente usufruem desse recurso para atrair o leitor. Nesse particular, justificamos a escolha do *corpus* que, por se tratar de uma capa de revista envolvendo o tema política, assunto bastante recorrente em nossa sociedade, e pela junção de enunciados verbais e não verbais, possibilitam ao leitor múltiplas leituras. Considerando que nem sempre os sentidos do discurso estão explícitos, se faz necessária uma leitura atenta aos detalhes, o problema deste artigo é apresentado da seguinte forma: quais são as relações discursivas estabelecidas entre enunciado verbal e não verbal na construção do discurso? A partir disso, o objetivo ora proposto é analisar o processo de construção do discurso e identificar o *ethos* discursivo da capa da revista *Veja* intitulada “A folia dos radicais”.

Nesse contexto, este artigo se propõe realizar uma análise do discurso amparada pela Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso de Dominique Maingueneau, especificamente a partir da noção da Semântica Global, proposta

em seu livro *Gênese dos Discursos*. Para compor o *corpus* desta pesquisa, será utilizada a capa da Revista *Veja* (Edição 2624), intitulada “A folia dos radicais”. A fundamentação teórica desse trabalho concentra-se principalmente em Maingueneau (2008a; 2008b), Amossy (2008), Souza e Silva; Rocha (2009), Recla (2012), Freitas; Facin (2012), Bertasso (2014) e Gonçalves; Freitas (2017). Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam este estudo como descritivo, bibliográfico e de abordagem qualitativa.

A primeira seção apresenta o estudo da semântica global, momento em que destacamos alguns conceitos que caracterizam os planos constitutivos do discurso: intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto de enunciador e de coenunciador, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão. Na sequência, uma breve noção de *ethos* e cenografia para então apresentarmos os procedimentos metodológicos e a análise do *corpus*. Por fim, tecemos as considerações finais.

2. SEMÂNTICA GLOBAL: OS PLANOS CONSTITUTIVOS DO DISCURSO

A *semântica global*, tese defendida por Maingueneau (2008a), postula que são sete os planos discursivos e que todas as marcas são relevantes. Os sete planos de construção do discurso são: a intertextualidade, o vocabulário, o tema, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. A ordem de apresentação desses planos é arbitrária quanto ao esquema construtor, visto que sua finalidade é “ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global e, nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77).

a) *A intertextualidade*: a interdiscursividade é constitutiva e nem sempre deixa marcas na materialidade linguística. A intertextualidade, por sua vez, “deixa seus rastros por meio do intertexto, entendido como o conjunto de fragmentos efetivamente citados por um discurso” (SOUZA E SILVA; ROCHA, 2009, p. 11). A intertextualidade pode ser *interna*: trabalho da memória discursiva no interior de um dado campo, ou *externa*: o discurso define certas relações com outros campos passíveis ou não de serem citados. Ou seja, a intertextualidade é a maneira de citar discursos anteriores de um mesmo campo, sendo que cada discurso pode construir para si um passado específico, atribuindo-se de filiações e recusando outras (SOUZA E SILVA; ROCHA, 2009).

b) *O vocabulário*: as palavras assumem valores distintos de acordo com os discursos, ou seja, uma palavra ou um termo por si só não se sustenta, assim

“os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81). Há, no entanto, termos específicos para alguns campos discursivos, são as coerções ou restrições semânticas que determinam o gênero discursivo.

c) *O tema*: é basicamente “aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81). Nenhum tema é absolutamente novo ou original, considerando que ele se encontra em outros discursos ditos de maneiras diferentes. Convém salientar que o que define a especificidade de um discurso é a sua formação discursiva e não o tema propriamente dito.

d) *O estatuto do enunciadador e do destinatário*: esse plano é constituído pela presença do enunciadador (EU) e do destinatário/coenunciador (TU). Conforme Maingueneau (2008a), o próprio discurso define o estatuto de enunciadador e coenunciador a fim de legitimar o seu dizer. Isso significa que “dentro de determinado sistema de restrições, cada enunciadador terá um lugar específico de onde poderá enunciar-se, assim como o coenunciador será situado em outra localização específica estabelecida pelo sistema de restrições” (GONÇALVES; FREITAS, 2017, p. 145).

e) *A dêixis enunciativa*: são as marcas linguísticas que remetem ao espaço e tempo. De acordo com Maingueneau (2008a), toda enunciação supõe a instauração de uma dêixis espaciotemporal que cada discurso constrói conforme seu universo. Convém ressaltar que “a dêixis não implica marcas empíricas; ela estabelece uma cena e uma cronologia consoantes às coerções de determinada formação discursiva” (FREITAS; FACIN, 2012, p. 203).

f) *O modo de enunciação*: todo discurso, mesmo que seja escrito, possui uma voz própria. Essa “maneira de dizer” específica é o que Maingueneau (2008a) define como modo de enunciação. Trata-se de algo “pelo qual o autor ‘escolheria’ o procedimento mais de acordo com o que ele ‘quer dizer’” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93). Ou seja, o sentido do discurso é atribuído através da maneira de dizer. Além disso, o modo de enunciação obedece às restrições semânticas que regem o conteúdo do discurso, pois “os textos falam de um universo cujas regras são as mesas que presidem sua enunciação” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93).

g) *O modo de coesão*: esse plano constitutivo do discurso diz respeito à interdiscursividade própria de cada formação discursiva, a qual dispõe “uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96).

A semântica global, como o próprio nome diz, não consiste em privilegiar um plano e excluir outro, “não há um plano do discurso que seja central; todos os que o constituem derivam dos mesmos fundamentos. Ademais, os discursos

não partem de um único, mas de vários lugares enunciativos” (RECLA, 2012, p.25). Sendo assim, a noção de global envolve o encontro de mais de um plano na construção da cena enunciativa. Na sequência, trataremos brevemente sobre *ethos* e cenografia.

3. NOÇÕES DO DISCURSO: ETHOS E CENOGRAFIA

A noção de *ethos* pertence à tradição retórica de Aristóteles, na qual a prova de persuasão é baseada na imagem que o orador oferece de si ao seu ouvinte, visto que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2008, p. 9). Maingueneau (2008b) vai além da retórica ao considerar que o discurso não é construído exclusivamente a partir da vontade de um sujeito e que mesmo os textos escritos possuem um tom de voz. Conforme Maingueneau (2008b, p. 70)

é insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente.

Essa voz é associada a um caráter e uma corporalidade do *ethos* de modo a oferecer uma representação do enunciador e garantir autoridade do que é dito por ele. O *ethos* é uma noção ligada à imagem da instância subjetiva que assume a enunciação do discurso, isto é, o enunciador se mostra através das palavras ditas. Além disso, o discurso é construído por meio da cenografia, pois quando falamos sobre um “modo de dizer”, falamos em um “modo de ser” e se movimentar no mundo, ou seja, um mundo que é construído no e pelo discurso.

O *ethos* efetivo é aquele que se configura como efeito de sentido provocado no enunciatário e resulta do “*ethos* pré-discursivo” e do “*ethos* discursivo”. No *ethos* discursivo, encontramos o *ethos* dito e o *ethos* mostrado:

O *ethos* dito é aquele que se refere a uma realidade social, à comunidade discursiva a qual pertence o enunciador, e um *ethos* mostrado, que se refere ao modo como esse enunciador se mostra (modos de dizer, o tom que assume o seu discurso), que muitas vezes pode não ser condizente com o *ethos* dito. Assim, o *ethos* discursivo é mostrado, pelos modos de enunciação, mas também por fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (“*ethos* dito”), de modo direto (“eu sou um homem simples”) ou indiretamente (“eu lhes falo como um amigo”), por meio de metáforas ou alusões de outras falas. (BERTASSO, 2014, p. 66).

A construção da imagem de si está fortemente ligada ao discurso. “O ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (AMOSSY, 2008, p. 10-11). É por meio das escolhas linguísticas que o enunciador assume sua imagem no discurso. A enunciação do texto, no entanto, confere uma corporalidade ao fiador, ou seja, a enunciação lhe dá um corpo.

A cena da enunciação é composta por três cenas que Maingueneau (2008b) denomina: **cena englobante**: tipo de discurso; **cena genérica**: gênero do discurso/ instituição discursiva e **cenografia**: ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto. Dessa forma,

em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topográfica (um lugar) das quais supostamente o discurso surge. [...] a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 77).

Sendo assim, dentre as três cenas da enunciação, a cenografia é a mais propícia aos investimentos do discurso, trata-se do simulacro do momento, espaço e papéis sociais conhecidos e compartilhados culturalmente. Além disso, a cenografia também é construída através de cenas validadas, ou seja, que já estão na memória coletiva, podendo elas ser valorizadas ou rejeitadas.

A cenografia é construída através do próprio texto e não se refere a um espaço físico, mas sim a um espaço que é validada pela enunciação. “A cenografia da obra, em sua totalidade, consiste no diálogo entre os elementos; o que é mostrado, na verdade, só toma corpo mediante a própria enunciação” (FREITAS; FACIN, 2012, p. 205). Através da cenografia, portanto, é possível identificar o *ethos* discursivo, visto que a imagem de si é construída por uma voz, um tom, presente em todo ato enunciativo.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo é de caráter descritivo-qualitativo e tem como *corpus* a capa da revista *Veja* (Edição 2624), intitulada “*A folia dos radicais*”, publicada no dia 06 de março de 2019. Essa publicação se insere dentro de uma situação de produção que necessita ser contextualizada, visto que no período em que essa edição foi publicada – 06 de março de 2019 – o povo brasileiro ainda estava

em clima de festa, considerando que no dia anterior, 05 de março, fora feriado de Carnaval.

A *Veja* é uma revista brasileira, produzida e distribuída semanalmente pela Editora Abril nas quartas-feiras. Criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, o periódico aborda temas variados de abrangência nacional e global. Assuntos no âmbito econômico, político e cultural estão entre os mais frequentes deste periódico. A *Veja* é uma revista de grande circulação nacional e possui influência na opinião pública. Dessa forma, é importante perceber quais são os imaginários presentes em suas publicações, considerando-se que, em muitas vezes, eles se encontram implícitos, fazendo com que o leitor precise “ler nas entrelinhas”.

Ressaltamos a escolha do *corpus* pela necessidade de uma leitura atenta aos detalhes para compreender os efeitos de sentidos que não estão explícitos no discurso. Por se tratar de uma análise de capa de revista, a junção entre enunciados verbais e não verbais se faz presente e por isso, possibilita ao leitor múltiplas leituras. Considerando que este *corpus* possibilita isso, quais são as relações discursivas estabelecidas entre enunciado verbal e não verbal na construção do discurso? A partir disso, o objetivo deste estudo é analisar o processo de construção do discurso e identificar o *ethos* discursivo da capa da revista *Veja* intitulada “A folia dos radicais”.

Para a aplicação dos conceitos abordados no referencial teórico, a análise do *corpus* consiste nos seguintes procedimentos metodológicos:

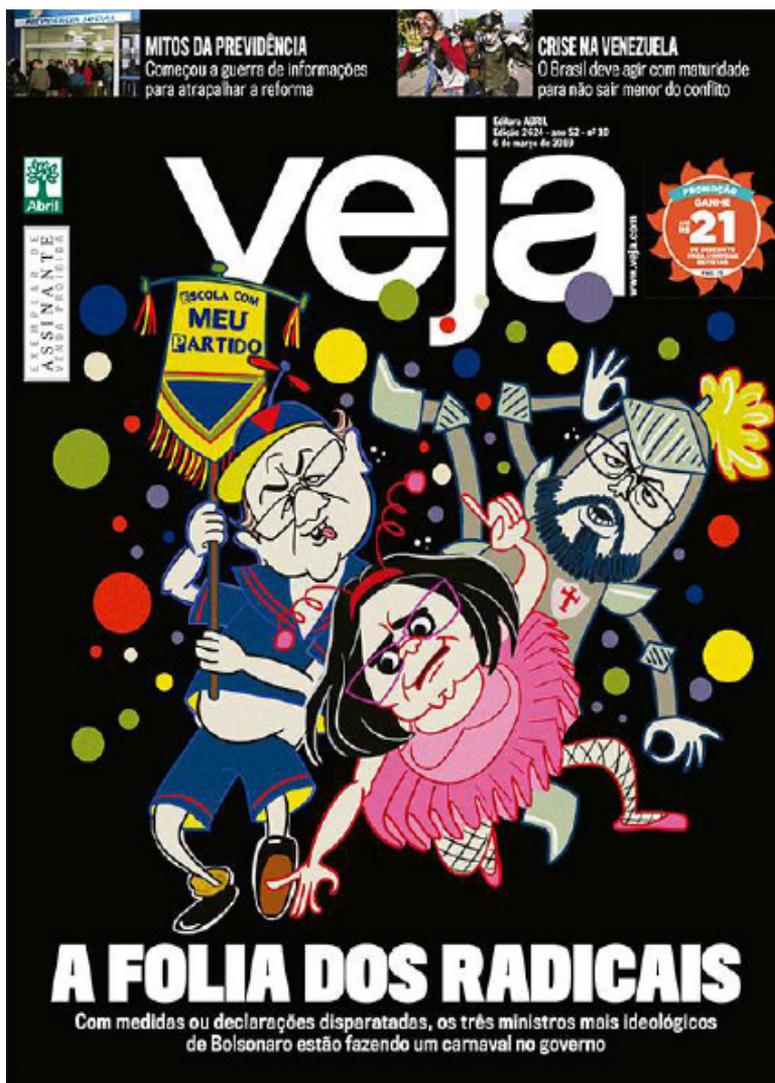
- a) num primeiro momento, apresentaremos o *corpus* para leitura;
- b) posteriormente, faremos uma análise do vocabulário utilizado no discurso, identificando quais são as palavras que assumem valores distintos;
- c) na sequência, identificaremos as marcas de intertextualidade, pois “todo discurso define certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77);
- d) em seguida, analisaremos a dêixis enunciativa, juntamente com o modo de enunciação, visto que ambos fazem parte do plano constitutivo do discurso e, portanto, são categorias integrantes dessa análise;
- e) por fim, identificaremos o *ethos* discursivo.

Pesquisas voltadas à semântica global requerem delimitação e organização de um roteiro teórico-metodológico. Desse modo, neste trabalho, nos detemos às categorias de análise citadas nas alíneas a fim de concretizarmos o objetivo geral de analisar o processo de construção do discurso e identificar o *ethos* discursivo. Na próxima seção faremos a análise do *corpus*.

5. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO E DA IMAGEM DE SI

Esta seção é dedicada a análise da capa da Revista *Veja* (Edição 2624), intitulada “A folia dos radicais”, publicada no dia 06 de março de 2019. Conforme descrito na seção anterior, seguiremos os seguintes passos de análise: primeiramente apresentamos o *corpus* para leitura, em seguida, identificaremos o vocabulário, a intertextualidade, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e, por fim, o *ethos* discursivo.

Figura 1: A Folia dos Radicais



Fonte: VEJA (2019).

Iniciemos a análise do nosso *corpus* pelo título “A folia dos radicais”, que por ser apresentado em letras maiúsculas, corrobora para chamar atenção do leitor. Considerando o período de publicação desta edição, relacionamos a palavra “folia” ao carnaval. De acordo com o dicionário *on-line* de língua portuguesa (DICIO, 2019), a palavra “folia” também pode significar:

Folia

1. Dança em ritmo acelerado de muitas pessoas, ao som do pandeiro.
2. Brincadeira, pândega, folguedo, folgança.
3. Discussão, briga, confusão.

A palavra “radicais” é plural de “radical” e no dicionário (DICIO, 2019) encontramos as seguintes definições para essa palavra:

Radical

1. Pessoa inflexível, intransigente, que não tem em consideração a opinião ou a maneira de pensar dos demais.
2. Pessoa que é favorável a reformas absolutas no quadro da sociedade atual.
3. Indivíduo partidário do radicalismo, sistema político de acordo com o qual a sociedade deve ser alvo de mudanças profundas, passando por uma completa transformação de sua organização social.

Em janeiro de 2019 (ano da publicação do *corpus*) houve a troca de governo federal, desde então, uma série de mudanças vem ocorrendo em nosso país. Assim, pode-se fazer uma leitura de que está acontecendo uma bagunça ou confusão no governo por conta dos governantes que não possuem consideração quanto à opinião ou maneira de pensar dos demais. Ou então, as pessoas que estão à frente do governo são favoráveis a reformas absolutas, por isso, a confusão no governo. Essa análise é possível, considerando que

não há muito sentido em falar do vocabulário desse ou daquele discurso, como se um discurso possuísse um léxico que lhe fosse próprio. De fato, o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80).

Logo abaixo do título, é apresentada a frase: “Com medidas ou

declarações disparatas, os três ministros mais ideológicos de Bolsonaro estão fazendo um carnaval no governo”. Neste momento, nos deteremos nas palavras “disparatadas, ideológicos e carnaval”. No dicionário (DICIO, 2019), encontramos os seguintes significados:

Disparatado

1. Em que há ou demonstra despropósito; que diz disparates: comportamento disparatado; discurso disparatado.
2. Desprovido de sentido; que é absurdo; contrário ao bom senso; despropositado.
3. Que possui uma parte distinta da outra; que é díspar; desigual.

Ideológico

1. Relacionado com ideologia, com o conjunto de ideias que compõe algo; refere-se à reunião das convicções pessoais de alguém, de um grupo ou instituição: sentido ideológico; projeto ideológico.
2. Referente ao que se fundamenta ou é constituído por ideias: o teor ideológico da Constituição.

Carnaval

1. Período normalmente de 3 dias que, anterior à quarta-feira de cinzas, se destina a festejos, a bailes, a desfiles; as festas que acontecem nesses dias.
2. Comemoração coletiva em razão de alguma situação especial ou extraordinária.
3. Bagunça; excesso de barulho, de pessoas, de confusão.

Através das palavras escolhidas para compor essa manchete, é possível interpretar que entre os ministros do Governo de Jair Bolsonaro (atual presidente do Brasil), três deles são os que **mais** possuem ideais relacionadas à ideologia, ou seja, os demais ministros também são ideológicos, no entanto, esses três se destacam. Dessa forma, esses ministros estão tomando atitudes desprovidas de sentido, por isso está acontecendo uma bagunça/ confusão no governo de Bolsonaro.

De acordo com Souza e Silva; Rocha (2009, p. 11),

Segundo o mesmo princípio de coerções semânticas, não há sentido em falar em vocabulário de tal ou qual discurso como se houvesse um

léxico específico, mas sim em sentidos diferentes atribuídos a um mesmo item lexical por discursos diferentes, dependendo do posicionamento discursivo. A palavra em si não constitui, portanto, uma unidade de análise pertinente, ela pode ser explorada contraditoriamente por diferentes discursos.

Nesse sentido, percebe-se que foram utilizadas palavras diferentes para reforçar a ideia de confusão, através de “folia e carnaval” e de autoritarismo, por meio de “radicais, disparatadas e ideológicas”.

A capa de revista geralmente apresenta seu discurso através de linguagem verbo-visual. É o que acontece nesta edição da *Veja*: os “três ministros” citados na linguagem verbal, são apresentados também por imagem, através de caricaturas. Os ministros são:

- **Ricardo Vélez Rodríguez**: teólogo, filósofo, ensaísta e professor colombiano naturalizado brasileiro. No momento da edição da revista era o Ministro da Educação no Brasil.
- **Dameres Regina Alves**: advogada e pastora evangélica brasileira, na época, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.
- **Ernesto Henrique Fraga Araújo**: diplomata brasileiro e Ministro das Relações Exteriores do Brasil, quando esta edição foi lançada.

Convém, neste caso, analisar também as fantasias utilizadas por cada um deles, considerando que apresentam elementos de intertextualidade. A ministra Dameres Regina Alves, responsável pelo ministério da mulher, da família e dos direitos humanos, defensora da moral e dos bons costumes é campeã de declarações polêmicas entre os ministros do atual governo. Na capa dessa edição da revista, Dameres está vestindo uma fantasia de bailarina, cuja cor é rosa e remete à intertextualidade, visto que em um vídeo gravado logo após a ministra assumir o cargo, a ministra dispara: “Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil, meninos vestem azul e meninas vestem rosa” (UOL, 2019).

O vídeo repercutiu nas redes sociais. Profissionais da saúde e educação criticaram a posição da ministra e centenas de manifestações no *twitter* criticaram a fala da ministra utilizando a hashtag “cor não tem gênero”. Os posts chegaram a ficar entre os assuntos mais comentados da internet. Logo, as cores rosa e azul utilizadas nas fantasias de Dameres e Vélez, remetem ao discurso que fora dito anteriormente pela ministra. Além disso, a afirmação de Dameres reitera o sentido das palavras *radicais* e *ideológicos* mencionados no discurso em análise, no que tange ao vocabulário.

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, está vestido de cavaleiro medieval e isso remete à sua profissão de diplomata, além, é claro,

de intensificar a questão de poder e militarismo defendida pelo governo de Jair Bolsonaro. Em uma declaração nada diplomática, Araújo afirmou que a situação da Coreia do Norte é mais tranquila em relação ao regime ditatorial do que a Venezuela Chavista, justificando assim, o aceite de Donald Trump, presidente norte americano, em negociar com o ditador Kim Jong-un e não com Nicolás Maduro. Quem conhece minimamente a história contemporânea sabe que a Coreia do Norte mantém um regime cruel e desumano com a sua população.

O ministro da educação aparece caracterizado de *Quico*, personagem fictício da série de televisão mexicana ‘Chaves’, carregando uma bandeira com a frase “Escola com Meu Partido”. Quico é um garoto metido e mimado pela mãe, sendo motivo de gozação por parte de outras crianças e moradores da vila. Por conta de suas trapalhadas, é chamado por Chaves e amigos de burro e tonto. Além de estar fantasiado, ele é apresentado segurando uma placa, que lembra os desfiles de escolas de samba quando entram os porta-bandeiras e mestre sala. Nessa placa está escrito: “Escola com meu partido”, com letras grafais maiúsculas enfatizando o pronome possessivo *meu* – quem manda é ele.

A concepção de discurso em Maingueneau (2008a) não privilegia apenas aspectos linguísticos, nem apenas o caráter histórico do acontecimento enunciativo, mas a dupla composição, sendo discurso “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 15).

Considerando o contexto histórico, no dia 25 de fevereiro, semana anterior ao carnaval, o ministro da educação enviou uma mensagem oficial através do MEC (Ministério da Educação) solicitando que “diretores de escolas leiam para alunos e funcionários uma carta de volta às aulas que termina com o slogan da campanha do presidente Jair Bolsonaro nas eleições: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!” (O GLOBO, 2019). E complementa, orientando que os diretores filmem os alunos durante a leitura da carta e execução do hino nacional e encaminhem os vídeos para o MEC.

Com a repercussão imediata e negativa em relação à solicitação do ministro, ele acabou recuando. Mas discurso dito, já está posto socialmente para ser interpretado, esse discurso carregado de doutrinação e retrocesso desgastou a imagem do ministro. Dessa forma, acontece uma comparação entre o Ministro da Educação e o personagem Quico, visto que ambos zombam com outras pessoas, no entanto, por vezes, são tachados como tontos.

A cor predominante do cenário da revista é preta e essa cor remete ao luto, que pode representar o que o país estaria vivenciando no momento da edição da capa da revista. Por outro lado, aparecem os confetes, que são

coloridos e reiteram o sentido de folia e carnaval. A cor branca, presente na serigrafia do nome da revista e de todo discurso verbal presente no *corpus* denota neutralidade, criando efeito de sentido de distanciamento do enunciador quanto ao que está sendo dito no texto.

A intertextualidade, portanto, é apresentada neste *corpus*, principalmente através da linguagem não verbal, marcada pelas características como a cor das roupas (rosa e azul); pela caricatura lembrando o personagem Quico; pela bailarina, elemento característico do gênero feminino, de acordo com a ministra Damares e pela bandeira, remetendo ao interdiscurso do ministro da educação.

Seguindo nossa categoria de análise, adentramos no que diz respeito às marcas de temporalidade e espacialidade: a dêixis enunciativa. De acordo com os pressupostos teóricos de Maingueneau (2008a, p. 88) “não se trata, pois, das datas, dos locais em que foram produzidos os enunciados efetivos, tanto mais que o estatuto textual dos enunciadores não coincide com a realidade biográfica dos autores”. Em outras palavras, a dêixis enunciativa refere-se às marcas linguísticas de tempo e espaço do discurso.

Referente às marcas de tempo, identificamos os verbos “estão fazendo” que estão conjugados, respectivamente no presente do modo indicativo, terceira pessoa do plural (eles: os ministros) e no gerúndio, representando continuidade. Quanto às marcas de espaço, identificamos “governo” como espaço do discurso. Ou seja, a “bagunça” está acontecendo no momento presente e de forma contínua, no espaço “aqui” apresentado no discurso através da palavra “governo”.

O modo de enunciação, outro plano constitutivo do discurso, é a maneira de dizer do discurso. Segundo Maingueneau (2008a, p.91, grifo do autor),

através de seus enunciados, o discurso produz um espaço onde se desdobra uma “voz” que lhe é própria. Não se trata de fazer um texto mudo falar, mas de circunscrever as particularidades da voz que sua semântica impõe. *A fé em um discurso supõe a percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo.* Uma voz que, entretanto, só pode ter uma existência paradoxal, já que ela é deslocada em relação ao texto a que dá suporte, sem remeter à plenitude de um corpo atestado.

O discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega.

Nessa perspectiva, o *corpus* em análise apresenta um modo de enunciar que evidencia o descontentamento e revolta do enunciador perante as medidas tomadas pelo governo de Jair Bolsonaro. Percebemos esse tom de descontentamento e revolta através das escolhas enunciativas verbais e não verbais que ao serem lidas conjuntamente reforçam a voz do enunciador.

O nome próprio da revista também é crível de análise, visto que o verbo “Veja” é enunciado no modo imperativo e está presente em todas as capas do periódico

[...] assumindo um caráter de autoridade e legitimidade para enunciar, em especial a cada edição em que o logotipo é atualizado com novas cores de acordo com os temas e imagens visuais enunciadas na capa. Essas características da capa mostram a coerência da presença dos núcleos de sentidos predominantes, de que as imagens de si da *Veja* são de que ela sabe expressar diversos temas, de que sabe porque estava presente na cobertura dos fatos e de que é uma revista atualizada e com novidades. (BERTASSO, 2014, p. 127, grifo do autor).

Desta maneira, analisamos que na edição 2624 da Revista *Veja*, o enunciador assume um *ethos* discursivo que critica o Governo de Jair Bolsonaro. Essa crítica é explicitamente marcada no discurso (*ethos* dito), pois as palavras “folia” e “radical” aparecem com efeitos semânticos negativos. “O enunciado se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, o leitor não decodifica seu sentido, ele participa “fisicamente” do mesmo mundo do fiador” (MAINGUENEAU, 2008b, p.90). Além disso, o discurso não verbal, apresentado pelas caricaturas, reforça o efeito de crítica e repulsa ao governo atual, através do *ethos* mostrado, visto que são deixadas pistas no texto que possibilitam essa interpretação ao leitor. De acordo com Bertasso (2014), o *ethos* discursivo da revista *Veja* apresenta incidência em saber expressar diversos temas, sendo que isso é visível na “recorrência a metáforas e ironias, ao interdiscurso, no uso de imagens criativas, mobilizando valores de competência e criatividade para enunciar”. (BERTASSO, 2014, p. 127)

No entanto, para que o leitor consiga fazer essa leitura, é necessário que ele tenha conhecimentos prévios sobre a situação política brasileira e conheça a fisionomia dos ministros citados, caso contrário, ele não conseguirá ler as informações implícitas no texto. Considerando o contexto que permeia esse discurso, alguns leitores concordarão com o enunciador na medida em que reconhecem que os três ministros estão fazendo um carnaval no governo, pois esses preocupam-se e defendem ideologias retrógradas, incoerentes e desnecessárias. “O co-enunciador captado pelo *ethos*, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar conteúdos. Ele é implicado em uma cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciador que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado” (MAINGUENEAU, 2008b, p.90).

Dessa forma, as interpretações aqui estabelecidas vão ao encontro com o *ethos* discursivo proposto pelo enunciador e pela cenografia apresentada pela

capa da revista em análise, sendo que

por meio da cenografia o enunciador adquire um papel no discurso que amplia o vínculo de reconhecimento (contrato de comunicação) por parte do enunciatário, que está associado ao gênero e subgênero de discurso configurado na cena genérica. Pela cenografia o enunciador aciona estereótipos, valores, princípios, um imaginário coletivo e social, ampliando as possibilidades de adesão por parte do enunciatário. (BERTASSO, 2014, p. 67).

Sendo assim, identificamos que a revista *Veja* possui estratégias de construção do discurso e do *ethos* discursivo para (re)afirmar o discurso em tom autoritário utilizando-se de ironias, metáforas e interdiscursos com sentidos de autoridade e legitimidade para se enunciar. Em seguida, teceremos as considerações finais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs realizar uma análise do discurso amparada pela Teoria Semi linguística de Análise do Discurso de Dominique Maingueneau, especificamente a partir da noção da Semântica Global. Como *corpus* de pesquisa, utilizamos a capa da Revista *Veja* (Edição 2624), intitulada “A folia dos radicais”.

Através da análise do vocabulário foi possível identificar que as palavras “folia” e “carnaval” foram utilizadas para reforçar a ideia de confusão e, por meio de “radicais, disparatadas e ideológicos”, percebe-se a questão de autoritarismo defendida pelo governo de Jair Bolsonaro. Ou seja, o vocabulário é carregado por uma carga semântica negativa para expressar a posição do enunciador perante a situação política do país.

A intertextualidade presente neste corpus deu-se principalmente através da linguagem não verbal, marcada pelas características como a cor das roupas (rosa e azul); pela caricatura lembrando o personagem Quico; pela bailarina, elemento característico do gênero feminino, de acordo com a ministra Damares e pela bandeira, remetendo ao interdiscurso do ministro da educação.

No que tange à dêixis enunciativa, identificamos que os verbos são apresentados no presente do modo indicativo e no gerúndio, que reforçam os efeitos de sentido de continuidade ou algo inacabado. Quanto às marcas de espaço, identificamos o governo como espaço do discurso. Ou seja, a “bagunça” está acontecendo no momento presente e de forma contínua, no espaço “aqui” apresentado no discurso através da palavra “governo”. Quanto ao modo de

enunciação, a edição 2624 da revista *Veja* apresenta um modo de enunciar que evidencia o descontentamento e revolta do enunciador perante as medidas tomadas pelo governo de Jair Bolsonaro.

Por meio da análise de alguns planos constitutivos do discurso propostos pela semântica global, foi possível identificar o *ethos* discursivo do corpus. Evidenciou-se que o enunciador assume um *ethos* discursivo que critica o Governo de Jair Bolsonaro. Além das escolhas lexicais, modo de enunciação e dêixis enunciativa, a intertextualidade marcada principalmente pelo discurso não verbal em forma de caricaturas, reforçam o efeito de crítica e repulsa ao governo atual, através do *ethos* mostrado, considerando que são deixadas pistas no texto que possibilitam essa interpretação ao leitor.

Convém salientar que as interpretações aqui estabelecidas foram suscetíveis de análise por meio de alguns dos planos constitutivos do discurso. Com esse estudo, atingimos nosso objetivo de analisar a construção do discurso e identificar o *ethos* discursivo. Todavia, trata-se de um estudo sucinto, portanto, fica a contribuição para que sejam realizadas novas pesquisas mediante o assunto aqui abordado.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

BERTASSO, Daiane. *Jornalismo de revista e ethos discursivo: as imagens de si nas capas e nos editoriais de Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/95065>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

DICIO. *Dicionário on-line*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 24 de março de 2019.

FREITAS, Emami Cesar de.; FACIN, Débora. Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca. *Revista Desenredo*, v. 7, n. 2, 10 maio 2012.

GONÇALVES, Iverson G. R.; FREITAS, Emami Cesar de. Práticas discursivas e manifestações culturais: cenografia e *ethos* na constituição identitária da mulher na imigração italiana em Nova Prata. *Revista Desenredo*, v. 13, n. 1, 8 jun. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008b.

MINISTRO da Educação pede que diretores de escolas toquem hino para alunos e gravem. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ministro-da-educacao-pede-que-diretores-de-escolas-toquem-hino-para-alunos-gravem-23480505>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

‘MENINO veste azul e menina veste rosa’, diz Damares Alves. **UOL**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

RECLA, Adriana. A semântica global e a constituição do ethos discursivo em práticas discursivas indígenas. *Letrônica*, v. 5, n. 2, 2012.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Resenha de “Gênese dos discursos”, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.

VEJA. A folia dos radicais. São Paulo: Abril, ed. 2624, ano 52, 06 mar. 2019.